

# REVISITANDO A SEGUNDA TRICOTOMIA DE PEIRCE: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

## REVISITANDO LA SEGUNDA TRICOTOMÍA DE PEIRCE: UNA PROPUESTA DE ANÁLISIS

Jéssica dos Santos Paião  
UFMS  
jessica\_paiao@yahoo.com.br  
Elizabeth Aparecida Marques  
UFMS  
eamarques@hotmail.com

**RESUMO:** Uma das ciências que se ocupa do estudo da linguagem em seus diversos modos de realizações, linguagem verbal, não verbal, imagens, gestos, enfim, toda a manifestação dela, recebe o nome de Semiótica. Neste trabalho focalizamos em específico a vertente peirciana da Semiótica, com o intuito de visitar a segunda tricotomia de Charles Sanders Peirce, além de propor uma pequena análise de algumas expressões idiomáticas, baseada nos elementos dessa tríade.

**PALAVRAS- CHAVE:** Semiótica; signo; ícone; índice; símbolo.

**RESUMEN:** Una de las ciencias que estudia el lenguaje en sus variables modos, lenguaje verbal, lenguaje no verbal, imágenes, gestos, finalmente, toda su forma de manifestarse, recibe el nombre de Semiótica. En este trabajo focalizamos en específico la Semiótica Peirciana, con el objetivo de visitar la segunda tricotomía de Charles Sanders Peirce, además de proponer una pequeña análisis de algunas expresiones idiomáticas, basada en los elementos de la tríade.

**PALABRAS- CLAVE:** Semiótica; signo, ícono, índice; símbolo.

### 1. Introdução

A Semiótica é “a ciência dos signos e dos processos significativos (semiose) na natureza e na cultura” (NÖTH, 1995, p. 17). No entanto, essa é apenas uma das definições para a Semiótica, pois segundo Santaella (1983), esta disciplina é um campo aberto, uma ciência numa espécie de processo de crescimento. Nas palavras da autora:

[...]um processo como tal não pode ser traduzido em uma única definição cabal, sob pena de se perder justo aquilo que nele vale a pena, isto é, o engajamento vivo, concreto e real no caminho da instigação e do

conhecimento. Toda definição acabada é uma espécie de morte, porque, sendo fechada, mata justo a inquietação e curiosidade que nos impulsionam para as coisas que, vivas, palpitam e pulsam. (SANTAELLA, 1983, p. 9)

Porém, “várias escolas da semiótica preferem definições mais específicas e restritivas” (NÖTH, 1995, p. 17). Por exemplo, na escola da Semiótica do discurso, também conhecida por Semiótica Greimasiana ou ainda Semiótica Francesa, tal vertente não é postulada como a teoria dos signos, mas sim como a teoria da significação.

No entanto, a distinção de uma escola e outra não é nosso objetivo neste trabalho, pois como mencionamos acima, focalizamos a Semiótica da escola de Peirce. Para tentar conceituar a Semiótica, escolhemos a seguinte definição proposta por Santaella (2002), em que para ela:

a semiótica é uma das disciplinas que fazem parte da ampla arquitetura filosófica de Peirce. Essa arquitetura está alicerçada na fenomenologia, uma quase-ciência que investiga os modos como aprendemos qualquer coisa que aparece à nossa mente, qualquer coisa de qualquer tipo, algo simples como um cheiro, uma formação de nuvens no céu, o ruído da chuva, uma imagem em uma revista etc., ou algo mais complexo como um conceito abstrato, a lembrança de um tempo vivido, etc., enfim, tudo que se apresenta à mente. (SANTAELLA, 2002, p. 2)

Após esse pequeno panorama da Semiótica de Peirce, revisitamos a segunda tricotomia proposta por ele, com o intuito de utilizar as concepções dos elementos dessa tríade – ícone, índice e símbolo – para analisar como eles, vinculados à imagem do gato, podem ajudar a compreender a motivação fraseológica e a significação de algumas expressões idiomáticas (doravante EIs) da língua portuguesa formadas pela lexia com o nome do referido animal.

Para tanto, percorremos alguns caminhos teóricos que nos levaram a compreender a segunda tricotomia de Peirce e, somente em seguida, propusemos a análise.

## **2. O signo peirciano**

Diferentemente do que Ferdinando Saussure definiu como signo, baseado numa relação diádica e dicotômica, entre significado e significante, Peirce estabelece uma relação triádica – representamen, objeto e interpretante – sendo que os elementos dessa tríade devem ser baseados em três categorias universais, a saber: a primeiridade, secundidade e terceiridade.

Segundo a própria definição de Peirce, “primeiridade é o modo de ser daquilo que é tal como é positivamente e sem referência a outra coisa qualquer” (PEIRCE *apud*

NÖTH, 1995, p. 63). No que se refere à secundidade, ela é definida como “ a categoria da comparação, da ação, do fato, da realidade e da experiência no tempo e no espaço” (NÖTH, 1995, p. 64). Por fim, a terceiridade, nas palavras de Peirce, “é a categoria da mediação, do hábito, da memória, da continuidade, da síntese, da comunicação, da representação, da semiose e dos signos” (PEIRCE *apud* NÖTH, 1995, p. 64).

Revisando o que Nöth (1995) chamou de a base do signo, escolhemos defini-lo, conforme Santaella (1995) o faz. Para ela “ser um signo é ser um termo numa relação triádica” (SANTAELLA, 1995, p. 119). Ainda segundo a autora,

[...]qualquer coisa de qualquer espécie, imaginada, sonhada, sentida, experimentada, pensada, desejada... pode ser um signo, desde que esta "coisa" seja interpretada em função de um fundamento que lhe é próprio, como estando no lugar de qualquer outra coisa. (SANTAELLA, 1995, p. 119).

Assim, com base nessa relação triádica a qual se remete Santaella (1995)– representamen, objeto e interpretante – Peirce elaborou as divisões tricotômicas do signo. Vale ressaltar que, por motivos teóricos e metodológicos, nesse trabalho optamos por revisar apenas a segunda tricotomia.

### **3. A segunda tricotomia**

A segunda tricotomia de Peirce é baseada na categoria fundamental da secundidade; de acordo com Nöth, essa categoria “descreve os signos sob o ponto de vista das relações entre o representamen e o objeto” (NÖTH, 1995, p. 78). Ainda de acordo com Nöth, essa tricotomia é considerada por Peirce “a divisão mais importante dos signos” (PEIRCE *apud* NÖTH, 1995, p. 78). Ela é composta por três elementos “que são determinados conforme as três categorias fundamentais. São eles, o ícone, o índice e o símbolo” (NÖTH 1995, p. 78).

#### **3.1 Ícone, índice e símbolo**

Para Peirce, “ qualquer coisa, seja uma qualidade, um existente individual ou uma lei, é um Ícone de qualquer coisa, na medida em que for semelhante a essa coisa e utilizado como signo” (PEIRCE, 1977, p. 52). A esse respeito, Santaella relata que “um signo é um ícone se ele se assemelha a seu objeto e se a qualidade ou caráter, no qual essa semelhança está fundada, pertence ao próprio signo, quer seu objeto exista ou não” (SANTAELLA, 1995, p. 143).

Essas definições seriam para designar um ícone que Peirce chamou de puro. No entanto, o ícone puro seria apenas uma qualidade, de uma qualidade; na esteira de Santaella, os signos que de fato estariam em relação com o significante, foram denominados por Peirce de hipoícones ou como também é conhecido, signo icônico, já que não há signos puros. Esses por sua vez, foram divididos em: imagem, diagrama e metáfora.

Para ele, “os que participam das qualidades simples, ou Primeira Primeiridade, são as imagens” (PEIRCE, 1977, p. 74). Assim, as imagens seriam uma espécie de imitação qualitativa daquilo que querem representar, por exemplo, há nessas imagens, uma analogia entre o representamen e o objeto, algo perceptível visualmente, quase que inequívoco.

Já os hipoícones do tipo diagrama, são definidos por Peirce como “os que representam as relações, principalmente as diádicas, ou as que são assim consideradas, das partes de uma coisa através de relações análogas em suas próprias partes” (PEIRCE, 1977, p. 74). Configurando um segundo nível do signo icônico, esse tipo de ícone é o mais complexo de interpretação, visto que o diagrama é “um ícone que não possui semelhança imediata com aquilo que representa, entretanto, as relações existentes entre as partes que o constituem são análogas àquelas existentes na estrutura do seu objeto” (FERRAZ JÚNIOR, 2012, p. 74).

Por sua vez, hipoícones metafóricos foram definidos por Peirce como “os que representam o caráter representativo de um representamen através da representação de um paralelismo com alguma outra coisa” (PEIRCE, 1977, p. 74). Na esteira de Santaella, o paralelismo dá ao signo o poder de representar algo diverso dele. Assim, há sempre na metáfora um processo relativamente mais abstrato, que representa um signo maior e mais complexo, o que Santaella chama de “mentalização” e “acionamento de significados”. Além do mais, a metáfora para Peirce está muito relacionada com o símbolo, trataremos dele ainda nesse tópico.

De acordo com Ferraz Júnior,

[...]diferentemente das imagens, cujas relações signo-objeto devem produzir interpretações inequívocas, as metáforas implicam uma necessária ambivalência representativa. Assim, por exemplo, quando um anúncio de cosméticos exhibe a imagem de um pêssego (e não a de um cacto) para sugerir os benefícios que o uso do produto trará à pele de sua consumidora, está empregando um signo icônico metafórico. (FERRAZ JÚNIOR, 2011, p.73)

No que concerne ao índice, para Peirce “tudo o que atrai a atenção é índice. Tudo o que nos surpreende é índice, na medida em que assinala a junção entre duas porções de experiência” (PEIRCE, 1977, p. 66). Peirce cita vários exemplos de signos indiciais, segue um deles: “vejo um homem andando gingando. Isso é uma indicação provável de que é um marinheiro”(PEIRCE, 1977, p. 67).

Assim, se compararmos o índice com os outros dois elementos da tríade, percebemos que as características do índice, como bem afirma Nöth, ficam mais patentes. Vejamos uma passagem em que Peirce faz a comparação:

Os índices podem distinguir-se de outros signos ou representações por três traços característicos: primeiro não tem nenhuma semelhança significativa com seus objetos; segundo, referem-se a individuais, unidades singulares, coleções singulares de unidades ou a contínuos singulares; terceiro, dirigem a atenção para os seus objetos através de uma compulsão cega [...] Psicologicamente, a ação dos índices depende de uma associação por contiguidade e não de uma associação por semelhança ou por operações intelectuais. (PEIRCE *apud* NOTH, 1995, p. 82-83).

Já o símbolo, segundo Santaella “é um signo cuja virtude está na generalidade da lei, regra, hábito ou convenção de que ele é portador, e cuja função como signo dependerá precisamente dessa lei ou regra que determinará seu interpretante” (SANTAELLA, 1995, p. 172). Por ter o símbolo caráter de convenção, escolhemos utilizá-lo como uma das fontes para a nossa análise, já que as expressões idiomáticas, próximo tópico a ser discutido, também são portadoras desse caráter convencional.

No que se refere à razão de ser signo, na esteira de Santaella, o ícone não necessariamente necessita da existência de um objeto; tal objeto pode ser criado no ato da interpretação, já o índice, necessita da existência de um objeto, caso contrário perderia seu caráter de signo. O símbolo, segundo Santaella “é, em si mesmo, apenas uma mediação, um meio geral para o desenvolvimento de um interpretante” (SANTAELLA, 1995, p. 172).

Portanto, o símbolo se constitui como um signo devido ao seu interpretante, pois segundo Santaella “seu caráter está na sua generalidade e a sua função é crescer nos interpretantes que gerará” (SANTAELLA, 1995, p. 172). Muitas palavras são usadas por Peirce como exemplo de símbolos, porém, muitas coisas, não só as palavras, dependendo da recepção que recebem da mente, podem fazer com que o signo seja simbólico.

O símbolo, de acordo com Santaella, é caracterizado com o signo mais genuinamente triádico; e ele, na verdade, significa a partir de suas réplicas, o que Santaella definiu como “um tipo especial de índice que age para aplicar a regra geral ou

hábito de ação ou expectativa associada com o símbolo a algo particular”(SHORT *apud* SANTAELLA, 1995, p. 176).

Para uma melhor compreensão, vejamos como Nöth aborda a composicionalidade do símbolo, segundo o autor:

[...]cada palavra é, em primeiro lugar, símbolos, pelos aspectos da arbitrariedade e do convencionalismo. A tradução para outras línguas nos dá provas disso. Entretanto, algumas palavras são, ao mesmo tempo, índices, uma vez que estabelecem relações diádicas [...]. Outras palavras como é caso das onomatopeias, são símbolos e ícones ao mesmo tempo, por representarem, na pronúncia, o som natural das coisas (p.ex., “murmúrio”, “ping-pong”, etc.). (NÖTH, 1995, p. 84)

Além disso, Santaella ressalta que, “para significar o símbolo precisa do ícone. Trata-se, no entanto, de um tipo de ícone muito especial. Não é um ícone qualquer, mas aquele que está atado a um ingrediente simbólico” (SANTAELLA, 1995, p. 174).

#### 4. Fraseologia e a Expressão Idiomática

Corpus de nossa análise, a expressão idiomática (EI) é um dos objetos de estudo de uma disciplina chamada de Fraseologia.

Segundo o *Diccionario Electrónico de La Lengua Española* da *Real Academia Española* (RAE), Fraseologia é <sup>22</sup>“um conjunto de frases feitas, locuções figuradas, metáforas e comparações cristalizadas, modismos e provérbios, existentes em uma língua”(tradução nossa). Para Montoro Del Arco,

[...]a fraseologia se ocupa das unidades e sintagmas fixos que se comportam no sistema a todos os efeitos como unidades léxicas, e não concebe ir mais adiante na análise interna dos componentes de ditas unidade: cada unidade é considerada como um bloco, de modo com que seus constituintes perdem sua identidade paradigmática e sintagmática <sup>23</sup>(tradução nossa). (MONTORO DEL ARCO, 2006, p. 73)

Para Tristá, “a fraseologia constitui um ramo especial da linguística, com seus métodos e objetos de estudo”<sup>24</sup> (tradução nossa) (TRISTÁ, 1988, p. 10). No entanto, a Fraseologia ainda não possui definições claras, principalmente no que se refere ao seu objeto de estudo. Para alguns autores, somente as expressões idiomáticas são objeto de estudo dessa disciplina. Já para outros, os provérbios, as colocações, parêmsias,

---

<sup>22</sup> Conjunto de frases hechas, locuciones figuradas, metáforas y comparaciones fijadas, modismos y refranes, existentes en una lengua.

<sup>23</sup> La fraseología se ocupa de las unidades y sintagmas fijos que se comportan el sistema a todos los efectos como unidades léxicas, y no concibe ir más allá en el análisis interno de los componentes de dichas unidades: cada unidad es considerada un bloque, de modo que sus formantes pierden su identidad paradigmática y sintagmática.

<sup>24</sup>La fraseología constituye una rama especial de la lingüística, con sus métodos y objetos de estudio.

locuções, entre outros também podem ser considerados tipos de fraseologismos, termo usado nesse trabalho para fazer referência geral ao objeto de estudo da Fraseologia.

De acordo com Tristá, os fraseologismos se definem como um “conjunto formado por duas ou mais palavras que não podem decompor-se, pois, corre o risco da perda de seus sentidos”<sup>25</sup> (tradução nossa) (TRISTÁ, 1988, p.11). Ainda segundo Tristá, para que uma combinação de palavras possa ser definida como fraseologismo, ela precisa apresentar três características principais, segundo ela:

[...]em um processo de eliminação conservamos as três características mais importantes para que uma combinação de palavras defina sua condição de fraseologismo. Estas são: a pluriverbalidade, o sentido figurado e a estabilidade. Estas características estão intimamente ligadas e em estreita interdependência em sua função definidora, já que nenhuma pode considerar exclusivamente do fenômeno que se estuda<sup>26</sup>(tradução nossa). (TRISTÁ, 1988, p. 13)

Apesar das controvérsias sobre o estatuto disciplinar da Fraseologia, vários pesquisadores, como Corpas Pastor (1996), García-Page (2008), entre outros, postulam que a Fraseologia é uma disciplina que faz parte da Linguística.

Como mencionamos anteriormente, um dos objetos de estudo da Fraseologia é a expressão idiomática, que, segundo a definição de Xatara, “é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural” (XATARA 1998, p. 17). Portanto, para que faça parte do nosso corpus de análise, a EI deve ser pluriverbal, indecomponível, possuir sentido figurado e, por fim, deve ser cristalizada.

## **5. Uma proposta de análise**

Com base, principalmente, na afirmação de Santaella de que o símbolo é uma regra, uma convenção, buscamos aqui fazer uma análise de algumas expressões idiomáticas, constituídas pela lexia gato, com o intuito de verificar como os elementos da segunda tricotomia de Peirce, principalmente o símbolo, aparecem refletidos na formação das EIs.

---

<sup>25</sup> Conjunto formado por dos o más palabras que no se puede descomponer so pena de que pierda su sentido.

<sup>26</sup> En un proceso de eliminación hemos conservado los tres rasgos que son consideramos más importantes para que una combinación de palabras defina su condición de fraseologismos. Éstos son: la pluriverbalidad, el sentido figurado y la estabilidad. Estos rasgos están íntimamente ligados y en estrecha interdependencia en su función definitoria, ya que ninguno puede considerarse exclusivo del fenómeno que se estudia.

Antes da análise, vejamos o que Jean Chevalier e Alain Gheerbrant escrevem sobre a simbologia do referido animal. Segundo eles: “o simbolismo do gato é muito heterogêneo, pois oscila entre as tendências benéficas e as maléficas, o que se pode explicar pela atitude a um só tempo terna e dissimulada do animal. (CHEVALIER E GHEERBRANT,2012, p. 461).

Para Pastore, a simbologia do gato também é rica e muito variada, segundo a autora:

Inteligência, poder de transformação, clarividência, agilidade, beleza sensual, malícia feminina, vigilância e precaução são associações quase que universais à figura do gato e as mesmas assumiram significados simbólicos diferentes em diversas culturas. (PASTORE, 2009, p.74)

Assim, temos a simbologia de tal animal regida tanto por valores bons, como a inteligência, a agilidade, vigilância, como também valores ruins, como a desordem, dissimulação, figuras malignas etc. Após essas considerações, analisamos cinco EIs formadas pela lexia gato. Vale ressaltar que todas as EIs utilizadas neste trabalho, bem como as definições e os exemplos, foram extraídos do dicionário eletrônico:*Dicionário de expressões idiomáticas português do Brasil e de Portugal - francês da França, da Bélgica e do Canadá*, elaborado pela autora Cláudia Maria Xatara.

**Comer gato por lebre:** ser enganado, frustrando suas expectativas.

Exemplo de uso: O que tem de picareta nesse meio é uma grandeza! A moçada precisa acordar para não *comer gato por lebre*.

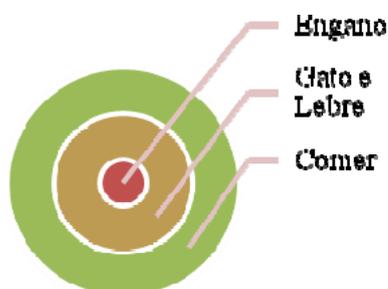
Possuindo o gato por vezes um perfil perverso e por ele se considerado, na esteira de Pastore e Chevalier e Gheerbrant, dissimulado, nesse caso, sua figura foi de suma importância para evidenciar a imagem do engano que tal expressão idiomática exprime.

Podemos vincular a motivação semântica dessa EI com o ícone do tipo imagem, já que o reconhecimento da similaridade entre o representamen e o objeto dá-se pela percepção visual constatada pelo uso das lexias “gato” e “lebre”, visto que tais animais assemelham-se em características físicas. No entanto, apesar dessa semelhança, eles apresentam valores e atitudes distintas, assim, "comer" um animal pelo outro significa ter se deixado enganar pelas aparências.

Além das características físicas e psicológicas desses dois animais, a significação da EI dá-se também pelo uso do verbo *comer*, isso se deve ao fato de que a lebre faz parte da gastronomia de algumas pessoas, mas como mencionamos

anteriormente, devido à semelhança física desses dois animais presentes na EIs, há um possível engano em comer um gato achando que é uma lebre.

A partir do esquema abaixo, percebemos como os elementos que compõem a EI vão se relacionando.



Há num primeiro momento o verbo comer, mais afastado do centro da significação da EI, mas que ao se relacionar com as lexias gato e lebre, infere a significação do engano, expressa pela junção desses três constituintes.

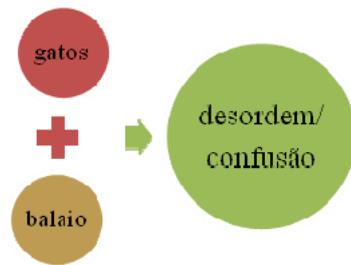
Por fim, tal EI pode ser usada com verbos como: *comprar e vender*, no entanto, a significação expressa por ela continua vinculada à imagem do engano e da frustração, motivada pela relação de hipoícones do tipo imagem e metáfora, além da convenção da cultura brasileira de o gato não fazer parte de seu cardápio gastronômico.

**Balaio de gatos:** confusão, desordem.

Exemplo de uso: Nas décadas seguintes, a new age ganhou tantas divisões que acabou virando *um balaio de gatos*.

A EI acima, como a própria definição da Xatara nos mostra, apresenta uma significação de confusão e desordem, tais significados foram motivados devido ao uso da lexia gato, juntamente com o vocábulo balaio, ambas criando uma metáfora, por meio da qual temos a imagem dos movimentos desordenados que os gatos fariam dentro de um balaio; assim, tal expressão possui uma valoração negativa que é enfatizada pelo falante em determinadas ocasiões, como percebemos no exemplo citado.

Vejamos como isso se dá no esquema a seguir:



Há, portanto, um primeiro elemento – gatos – que sozinho possui um sentido, mas que, ao se relacionar metaforicamente com um segundo elemento – balaio –, remete-se a uma terceira interpretação, modificando o sentido natural dos elementos em função de um novo sentido, dependendo de regras interpretativas que dão a significação a EI.

Assim, acreditamos que tal expressão foi motivada, principalmente, pelo hípoicone do tipo metafórico, visto que o reconhecimento da similaridade entre o representamen e o objeto, perpassou por um processo relativamente mais abstrato. No entanto, ratificando a ideia de Peirce de que não há signos puros, inferimos que nessa EI há também a presença do hípoicone do tipo imagem, pois podemos fazer uma relação análoga, por meio da nossa percepção visual, da bagunça causada por vários gatos dentro de um balaio.

Por fim, podemos destacar também, que o gato é símbolo de agilidade, assim, colocar vários gatos dentro de um balaio só poderia gerar confusão; assim, além dos hípoícones, há uma forte motivação simbólica na composição da EI.

### **Como cão e gato:** como inimigos

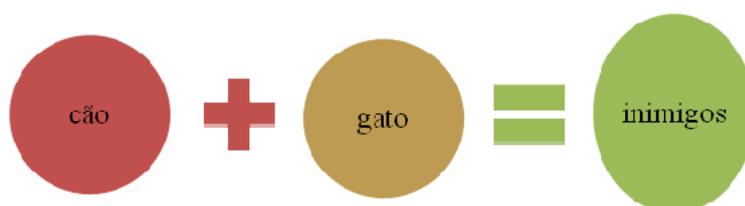
Exemplo de uso: É espantoso que os maiores fabricantes do mundo briguem *como cão e gato* pelo mercado de creme dental.

Os animais cão e gato são considerados culturalmente como dois inimigos, eles não conseguem conviver em harmonia, salvo em alguns casos de rara exceção, dessa maneira, temos a imagem mental desses dois animais peleando constantemente. Assim, o uso das lexias, *cão* e *gato*, trazem consigo um grande indício de competição e briga.

Isso fica bem especificado no exemplo acima, em que dois fabricantes de uma marca de creme dental brigam como inimigos- como cão e gato- por causa da competição pelo mercado desse produto.

Assim, percebemos que a utilização dessas duas lexias, *cão* e *gato*, foram motivadas pela significação simbólica, presentes na nossa cultura, da inimizade desses dois animais.

Vejam os:



Há então uma esfera menor, representada pela lexia *cão*, que vinculada a outra lexia, *gato*, remete-nos às características comportamentais dos animais representadas por elas, e assim há uma associação de ideias produzidas pela simbologia entre a relação dos referentes, enfatizada pela esfera maior, o que motiva a criação e a significação da EI.

**Banho de gato:** banho tomado de modo muito superficial.

Exemplo de uso: Toma *banho de gato*, engole o prato e monta na sua bicicleta e às 19:00 h tem que estar na faculdade.

Na esteira de Pastore (2009), a agilidade é um dos símbolos vinculado à imagem do gato, o que em alguns contextos se torna uma menção positiva, porém, nesse caso o efeito é contrário, já que usar a expressão idiomática *banho de gato*, quer dizer que o banho ocorreu superficialmente demais, muito rápido. Vinculado à esfera icônica, poderíamos ressaltar o fato de esse animal ter repulsa à água, assim, tomar “banho de gato” passa a expressar algo ruim, superficial demais.

Dessa maneira percebemos que o símbolo de agilidade comportado por ele, juntamente com o vocábulo *banho* e a questão cultural de esse felino não gostar de água, vinculados ao reconhecimento da similaridade do representamen e do objeto, por meio da percepção visual e da relação metafórica feita pelo interlocutor, acreditamos

que esses fatores ajudaram na motivação e significação da EI. Assim, não poderíamos ter, por exemplo, a troca da lexia gato pela lexia galinha na composição da EI.

**Brincar de gato e rato:** fazer com que seja procurado

Exemplo de uso: É claro que a lei americana também reprime este tipo de comportamento, mas parece que os hackers adoram *brincar de gato e rato* com o FBI.

O gato e o rato são animais que se repudiam, devido ao fato de um participar da cadeia alimentar do outro. Assim, na expressão “brincar de gato e rato”, exprime-se o valor icônico da imagem do gato caçando ou procurando sua presa. Nesse caso então, temos um elemento indicial de que o gato, provavelmente, estava faminto e necessitava se alimentar.

Visto que o gato pode simbolizar a agilidade, a imagem da procura fica mais evidente. No exemplo de uso citado, há uma brincadeira de gato e rato entre o FBI e os hackers, vinculado ao hipócone metafórico, o FBI seria representado pela figura do gato, aquele que procura, enquanto que os hackers seriam os ratos, os que brincam de ser procurados.

Além da relação convencional de repulsa entre o gato e o rato, há também na EI, uma metáfora entre os verbos “brincar” e “procurar”, pois na verdade, o que acontece não é exatamente uma brincadeira, mais sim uma busca. Dessa maneira, acreditamos que tanto a significação quanto a motivação fraseológica dessa EI, se dão por meio da convencionalidade da relação entre os referidos animais, além da similaridade constituída pelo hipócone do tipo imagem - a percepção visual que o interlocutor faz dessa relação - e por fim, a metáfora, devido à abstração do verbo brincar em procurar.

## **6. Considerações finais**

Após percorrer alguns caminhos da Semiótica peirciana, tentamos evidenciar como a simbologia do gato, vinculada à motivação icônica e indicial, contribui para a formação e significação de algumas expressões idiomáticas constituídas pelas lexias com o nome desse animal.

Percebemos que, nas cinco Eis analisadas, dois aspectos do uso dos símbolos icônicos peircianos foram de suma importância para a motivação fraseológica delas, são

eles: a imagem e a metáfora. Isso vai ao encontro da afirmação de Peirce, segundo a qual:

[...] a única maneira de comunicar diretamente uma ideia é através de um ícone; e todo método de comunicação indireta de uma ideia deve depender, para ser estabelecido, do uso de um ícone. Daí, segue que toda asserção deve conter um ícone ou conjunto de ícones, ou então deve conter signos cujos significados só sejam explicáveis por ícones. (PEIRCE *apud* NÖTH, 1995, p. 85)

Outro fato interessante foi a constatação de que apesar do valor positivo trazido pelo gato em algumas EIs, esse valor oscilava e, na maioria delas, acabava sobressaindo o valor negativo do referido animal. Talvez em uma análise com um número mais expressivo de EIs essa constatação seria outra, no entanto, isso ratifica o que citamos anteriormente sobre a simbologia desse animal na concepção de Chevalier e Gheerbrant, na esteira deles, o gato possui a um só tempo atitudes boas e ruins.

Antes de finalizar, vale ressaltar que assim como a língua, o símbolo também evolui. Vejamos o que Pierce escreve a respeito:

[...]os símbolos crescem. Retiram de ser do desenvolvimento de outros signos, especialmente dos ícones ou de signos misturados que compartilham da natureza dos ícones e símbolos[...] Se alguém cria um novo símbolo, ele o faz por meio de pensamentos que envolvem conceitos. Assim, é apenas a partir de outros símbolos que um novo símbolo pode surgir. **Omne symbolum de symbolo.** Um símbolo, uma vez existindo, espalha-se entre as pessoas. No uso e na prática, seu significado cresce [...] O símbolo pode, como a esfinge de Emerson, dizer ao homem: De teu olhar, sou a olhadela. (PEIRCE *apud* NÖTH, 1995, p. 86).

Por fim, pretendemos, além de revisitar a Semiótica peirciana, mostrar que, como bem afirma Nöth, ela “não é apenas uma semiótica teórica e filosófica, mas tem um amplo potencial de aplicação na área dos estudos da comunicação”(NÖTH, 1995, p. 95).

### Referências

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. São Paulo: José Olympio, 2012.

Corpas Pastor (1996)

CORPAS, Gloria. *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos, 1996.

FERRAZ JR., Expedito. O conceito peirceano de metáfora e suas interpretações: limites do verbocentrismo. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: [http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es\\_i](http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es_i). Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçone Mariana Luz P. De Barros. Volume 7, Número 2, São Paulo, novembro de 2011, p. 70–78. Acesso em 03/02/2014.

- GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, Mario. *Introducción a la Fraseología española: estudio de las locuciones*. Barcelona: Anthropos, 2008.
- MONTORO DEL ARCO, Estabán. Tomás. *Teoría Fraseológica de las locuciones particulares. Las locuciones prepositivas, conjuntivas y marcadoras del español*. Frankfurt/Main: Peter Lang, 2006.
- NÖTH, Winfred. *Panorama da semiótica: de Platão a Peirce*. São Paulo: Annablume, 1995.
- PASTORE, Paula Christina Falcão. *A simbologia dos animais em expressões idiomáticas inglês-português: uma proposta lexicográfica*. 2009, 218p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*, trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario Electrónico de la Lengua Española*. Disponível em: <http://lema.rae.es/drae/?val=>. Acesso em 15 jan 2014.
- SANTAELLA, Lucia. *A Assinatura das Coisas: Peirce e a Literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- \_\_\_\_\_. *A Teoria Geral dos Signos: Semiose e Autogeração*. São Paulo: Ática, 1995.
- \_\_\_\_\_. *O Que é Semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Thomson, 2002.
- TRISTÁ, Antonia María. *Fraseología y contexto*. Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988.
- XATARA, Claudia. Maria. *A tradução para o português das expressões idiomáticas em francês*. Araraquara, 1998. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário de expressões idiomáticas português do Brasil e de Portugal - francês da França, da Bélgica e do Canadá*. Disponível em: <http://www.deipf.ibilce.unesp.br/pt/index.php> . Acesso em 10 jan 2014.